
* Res. *
* Port. *
* 103 *
* d *

Res. Port. 103 d

Res. Port. 103 d

DESENGANO
PROVEITOSO,
QUE
HUM AMIGO DA PATRIA
SE PROPOEM DAR
A SEUS CONCIDADAOS



P O R T O:
NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,
1809.

Com licença do Governor.

152/144

THE HISTORY OF THE CITY OF BOSTON

FROM THE FIRST SETTLEMENT
TO THE PRESENT TIME
BY
JOSEPH NEALE



NEW YORK:
PUBLISHED BY
JOSEPH NEALE, 10 NASSAU ST.
1846

DESENGANO PROVEITOSO,

QUE

HUM AMIGO DA PATRIA SE PROPOEM DAR

A SEUS CONCIDADAÕS.

—•••••—

ARGUMENTO.

OS males, que de presente fazem o infortunio de Portugal, devem obrigar-nos a indagar a sua causa. Quem forceja pela descobrir a seus Concidadaõs, he hum homem benemerito, e digno de ser escutado. Verrigem geral dos PRINCIPES da Europa. Assoma NAPOLEAÕ á testa dos Exercitos Francezes. Sua Coroaçaõ. Qual devia ser entaõ a politica dos Reis. Influencia maligna dos Inglezes. Rasgos de despotismo, daquella Naçaõ para com os Portuguezes. Trabalha por despojar-nos de todas as riquezas. Obriga o PRINCEPE do Brazil a refugiar-se naquelle Continente. Delirio dos Portuguezes. Como se conduzio o Governo Inglez a nosso respeito. Provas incontestaveis de que intentava apoderar-se de Portugal. O que praticou, quando o naõ pôde conseguir á força descoberta. Regencia de Lisboa. Juizo sobre este Governo. Renuncia do PRINCEPE do Brazil á Coroa de Portugal. Anarchia, em que cahimos. Desordens, que se seguirãõ. Necessidade de hum Governo energico. Como nos devemos conduzir em hum negocio de taõ grande momento. Dous partidos a tomar; Paz, ou Guerra. Sorte de Portugal, se proseguir na guerra com a França. Motivos, que nos devem determinar a pedir o Ex.^{mo} *Duque de Dalmacia* para nosso Rei. O que seremos entaõ.

A 2

Eu

EU vou, Portuguezes, communicar-vos os pensamentos da minha alma: queira o Ceo fazer de minhas palavras accesos raios, que tenhaõ a divina força de persuadir-vos. Quando a Patria se vê exposta a huma alluviaõ de males; quando caminha a passo cheio para a sua desorganizaçãõ total; e o Povo, e os Cidadãos, sem norte, que os dirija, sem luzes, que os esclareçaõ, luchaõ no horror das trévas, agitados por mil forças, que se combatem, deixará de ser escutado o Amigo da Patria, o homem sensivel, que vos falla com as lagrimas nos olhos, lagrimas vertidas pelas desgraças, que o opprimem, e que atormentáraõ indefinidamente os seus Concidadãos? Tantos males, que havemos padecido; tantos amigos, que nos roubou o ferro do poderoso vencedor; tantas riquezas, que foraõ o despojo de huma irada Tropa; tantas contribuiçoens, (1) que ha mais de hum anno temos pago, com o sacrificio das nossas mais caras commodidades; todos os horrores da guerra, que ha tanto tempo experimentamos, mormente desde o calamitoso dia 29 de Março, naõ nos forçarãõ a reflectir hum pouco sobre a verdadeira origem de nossos infortunios? E se descobrirmos donde elles nascem, naõ nos daremos pressa a remediá-los? Huma enfermidade mortal vai sensivelmente arrastando á sepultura a nossa desgraçada Patria! Seus symptomas naõ pôdem appresentar-se mais funestos! E seremos, como até aqui, taõ insensiveis, taõ cegos, e taõ surdos ás vozes da razãõ, que naõ invoquemos o soccorro da mais sabia Medicina?.. Nem meus talentos, nem minhas luzes bastarãõ talvez a descobrir a molestia em sua raiz; mas as reflexoens, que ha annos tenho feito sobre a situaçaõ da minha triste Patria, serãõ talvez saudaveis a quem se dignar

(1) Eu faço aqui mençaõ da Contribuiçaõ extraordinaria de guerra, porque foi huma pena da nossa opposiçaõ ás Proposiçoens de S. M. o Imperador, e Rei. Em toda a parte os vassallos pagáraõ os crimes, e as faltas dos SOBERANOS.

gnar escutar a minha exposiçaõ. O Portuguezes, longe de meus labios a vil, a interesseira adulaçaõ, que desfigura os vicios dos Grandes, para impetrar empregos, que lhe naõ merecia a sua ineptia: longe de mim fallazes argumentos, sophismas capciosos, prestigios da eloquencia, com que o mau homem pretende fascinar seus semelhantes. O influxo da verdade animará sempre o meu coraçãõ; e se algumas vezes meus discursos condemnarem, ou os crimes dos Prepotentes, ou as baixeiras dos pequenos, naõ temerei nem a espada dos primeiros, nem a maledicencia dos segundos. Que posso eu perder? Meus cabedaes? Todos me foraõ saqueados. A honra? Naõ; porque o Cidadãõ, que levanta a voz para ensinar aos outros o caminho da felicidade, naõ perde a honra, mesmo sobre hum cadafalso. A vida? O vida! e es tu hum bem, quando te flagellaõ as calamidades da guerra?

Causas bem conhecidas motivaráõ a Revoluçaõ da França. Naõ me pertence examinar a especie de justiça, com que Luis XVI. foi levado ao cadafalso. Mas eu sei que as Naçoens saõ independentes, e que naõ toca aos SOBERANOS punir os crimes de vassallos, que lhes naõ pertencem. Os Reis da Europa devêraõ regular sua conducta por este principio; mas a ambiçaõ presidio a seus Conselhos! e fingindo lastimas, que naõ sentiaõ, e promettendo desaffrontar a infeliz Familia do defuncto Rei, quizeraõ retalhar a França, parecendo-lhes que as divisoens intestinas daquelle vasto Paiz facilitariaõ a execuçaõ de seus projectos.

Eis-aqui o fatal crime, que commetteraõ os Reis para desgraça de seus Póvos: naõ he outra a fonte, donde temos visto correr rios de sangue na Europa, no Egypto, e mesmo no Continente d'America. He desde esta Epoca, que o Commercio Portuguez dara a sua decadencia; porque os Ministros, que dirigiaõ os Negocios publicos de Portugal, naõ escapáraõ á vertigem, que entaõ allucinava as Cabeças Coroadas. (1)

Acha-

(1) Todos sabem que a França não foi a Agressora das mais Naçoens. Ella tracionou só de repellar a força; com que a ambiçaõ dos

Achava-se a França empenhada em guerras com seus vizinhos, quando appareceo á testa de seus Exercitos o Homem mais extraordinário, que vírao os seculos, NAPOLEÃO BUONAPARTE; seus talentos Militares, sua conducta sempre honrada, e valorosa, suas virtudes superiores, todas as qualidades, que formão o caracter do grande homem digno de reinar, lhe dêrao o Throno da França, conformemente aos votos da Nação inteira.

Sua Coroação fez prever aos homens sensatos, que a França hia dar as Leis a toda a Europa; e que os SOBERANOS, que não conformassem sua Politica com a do Imperador, e Rei, devião cahir do Throno. Seria facil de persuadir aos PRINCIPES esta verdade; mas por infelicidade delles, e de seus Póvos, não houve quem tivesse o valor, e a virtude de demonstrar-lha: e os Inglezes, costumados á tyrannia dos mares, vendo proxima a sua queda, sem os pontos de apoio, que os sustentavao na Europa, empregarao o ouro, e as mentiras da mais baixa politica para formar funestas *coalicoens* contra o Arbitro de todas as Naçoens. Saõ, ó Portuguezes, saõ os nossos denominados Aliados, a quem devemos attribuir os infortunios, que desolaõ, ha tanto tempo, a nossa exhausta Patria. Eis-aqui huma das verdades fundamentaes, que me proponho provar, porque tal he a cegueira de muitos meus Concidadãos, que soffrem os aqutes, sem verem a pezada mão, que os descarrega.

A Inglaterra trabalhou sempre por nos tirar o ouro do Brazil. Os Portuguezes, diz hum Escriptor judicioso, (1) fizeram as principaes descobertas do Novo Mundo: tiveraõ em suas mãos todo o Commercio das Indias, e no seu porto de Lisboa o Armazem geral da Europa. Esta Cidade, que foi taõ poderosa, vio, pela negligencia de seus Ministros, anniquilar-se diferentes ramos do Commercio; e in-

PRINCIPES da Europa presumia dividi-la: e foi taõ feliz em suas Campanhas, que não sómente resistio, mas adquirio mui largas Possessoens Continentaes.

(1) *Le Politique Dangois.*

sensivelmente perdeu seu lustre, suas riquezas, sua agricultura, suas manufacturas, e consequentemente a sua independencia. Portugal era hum Nação laboriosa, aguerrida, e celebre por sua industria: os Portuguezes pareciao ter sido collocados debaixo de hum clima, que lhes dava superioridade em muitas cousas sobre o resto dos Europeos; todavia Lisboa he escrava. Esta palavra revolta o coração humano; mas he força confessarmos que tal he a situação de Portugal! — E será empenho superior ás nossas forças demonstrar a ambiciosa mão, que nos lançou os ferros? Deixemos fallar a Historia, que põem a descoberto toda a perfidia Britanica para comnosco. Depois da descoberta das minas do Brazil, esforçou-se aquella Nação em persuadir ao Gabinete de Lisboa, que hum povo, que tem minas d'ouro, não deve cuidar em agricultura, nem industria: (1) offereceo-se com fraudolenta generosidade para fornecer-nos o necessario á vida, e mesmo ao luxo: fez crer a nossos Ministros, que o Commercio he a unica fonte da opulencia: enviou-nos pannos, chapeos finos, meias de seda, e muitos outros artefactos por preço muito inferior ao dos fabricados em Portugal. Quem não vê nesta apparente generosidade mortaes golpes desatados sobre a industria Portugueza? Quem não conhece, que as vistas da Inglaterra erao destruir as nossas Fabricas, para nos empolgar toda a opulencia Nacional? Mas deixemos tempos antigos, porque os exemplos recentes serao mais capazes de persuadir-vos. Determinado S. M. o Imperador, e Rei a restabelecer a liberdade dos mares, que a Gran-Bretanha taõ impudentemente havia usurpado, enviou a Portugal o General Junot, a cujo cargo poz defender nossos portos da tyrannica influencia dos Inglezes. Era esta hum medida, propria de sua superior Politica, porque vedados os portos da Europa aos

(1) A malicia, que encerra esta proposição, he bem grosseira. A nossa independencia da Inglaterra seria perfeita, se cuidassemos em aperfeçoar as nossas Fabricas, e augmentar a Agricultura. Mas os Inglezes queriaõ-nos fazer escravos, constituindo-nos na dura necessidade de lhes darmos ouro, a troco do que podiamos ter de abundancia em o nosso Paiz.

navios Inglezes, entraria esta Nação soberba em negociações racionaveis; e poderia cada huma das Potencias navegar a seu salvo, sem pedir primeiro passaporte ao Ministerio Inglez. (1) Porém S. A. o PRINCEPE do Brazil, illudido pelas suggestoens do Gabinete de S. Jaimes, chegou a intimidar-se, suppondo dirigidas contra a sua Pessoa armas, que só se dirigiaõ a manter a honra, e a independencia do seu Throno. Pelo que teve a fraqueza de abandonar os seus vassallos, levando Marinha, Thesouros, e todo o precioso; e deixando-nos na cruel situação do mais deploravel desamparo. Que PRINCEPE? . . . Que Conselheiros! . . .

Chegou o dia, em que quatro Soldados, quero dizer, quatro homens, que tem pouco que perder, levantáraõ a voz, proclamando PRINCEPE DE PORTUGAL, hum PRINCEPE, que só o queria ser dos Estados do Brazil: e o Povo, sempre amigo de facções, sempre prompto a ter parte no que faz estrondo, incorporou-se aos insurgentes. Entaõ se tractou de restaurar a Corte, pensando-se loucamente, que, vencido *Junot* com o seu Exercito, poderiamos julgar-nos seguros do poder da França. Qual imaginava os Perinneos, barreira insurmontavel aos Batalhoens Francezes: qual suppunha já, na embriaguez de seu enthusiasmo, ou mortos, ou, pelo menos, derrotados os Generaes *Bessiers*, *Le-Febvre*, e *Moncey*. (1) frenesi não podia ser mais furioso. Causava lastima ver huma Nação, que nem as suas forças, nem as do poderoso Adversario conheciaõ. (2) Alguns, a quem

0

(1) Hum Deputado do Parlamento de Inglaterra começou o seu discurso por estas formaes palavras — Não se deve atirar hum tiro de canhão em qualquer parte do mundo, sobre mar, sem licença da Gran-Bretanha. — *Le politique Danois*. pag. 16.

(2) Todos os homens judiciosos, com quem fallei, reprovavaõ a revolução dos Portuguezes, porque anteviaõ as desgraças, que depois vieraõ — Não basta, diztaõ elles, desfazer-nos do Exercito, que agora occupa Portugal; he necessario podermos impedir que entrem novas Tropas: ora se a Hespanha succumbe, como he provavel, quem nos defenderá? — O pronostico verificou-se; mas o Povo, que acredita as profecias do Bandarra, não quer ouvir os conselhos da Prudencia.

● exemplo de Napoles, e da Suecia não ensinára, punha os olhos na Inglaterra, contando que seríamos sempre victoriosos das armas Francezas, tendo em nosso soccorro as dos Inglezes. Agora, ó meus Patricios, he que supplico o obzequio da vossa attenção: attentai no que vou contravos, e conhecereis se he o odio, ou a verdade, que influe nos pensamentos da minha alma.

Posto o Governo Provisional do Porto em a necessidade de invocar os auxilios da nossa Alliada, pedio-lhe armas, e dinheiro, porque de huma, e outra cousa careciamos para os misteres da guerra. E fomos nós soccorridos? Qual de vós não murmurou? Qual se não sentio indignado contra huma Nação, chamada amiga, que em vez do soccorro pedido, fez desembarcar em nossas prayas 4000 homens do seu Exercito? Para que fim tantos Soldados? dizieis vós = não nos falta gente, falta-nos armas, e dinheiro: = o dinheiro não chega! as armas não acabaõ de vir! e nossas prayas estaõ cobertas de Soldados Inglezes! para que fim tantos Soldados? (1) Hum futuro bem proximo fez conhecer aquelle fim. Os factos demonstráraõ, que estava traçado no Gabinete de S. Jaimes reduzir Portugal a huma Colonia, se até entãõ escrava, como tendes visto, ao depois tyrannizada pelo orgulho, que caracteriza os descendentes dos BRETOENS. Com effeito, as Tropas Inglezas eraõ nossas Alliadas, e seus Generaes tiveraõ o despejo de arrogar a si o commando supremo do Exercito combinado, sem attenção a nossos Generaes, e sem respeito ás ordens do Governo, que entãõ havia. Vieraõ auxiliar-nos; vieraõ obrar de concerto com as nossas armas, e *Wellesley* dispoz, por si só, o plano do ataque: mandou com soberba o General *Bernardim*: e até lhe recusou o paõ, que, sobejando no seu campo, faltava ha dias aos nossos Soldados. E saõ estes os nos-

B

sos

(1) O primeiro rasgo, com que os Inglezes trahirão sua tenção da mnada a nosso respeito, foi recusar-nos aquelles auxilios, que se lhe pedirão, a saber, armamento, e alguns milhoens; e fazerem desambascar hum Exercito numeroso. Havia tanta espingarda para a Hespanha, e nenhuma para Portugal! . .

sos Amigos ? (1) E he assim que obra hum Alliado ? Mas vejamos sua conducta posterior.

Dada a Batalha de *Vimeiro*, se não houvessem chimericos planos de conquista nas cabeças Inglezas, poderia ajustar-se hum Capitulação, não deshonrosa para a Nação Portuguesa. Mas que se fez, ó meus Patricios ? Consultou-se acaso a honra, e o decoro da Nação auxiliada ? Pedio-se o voto dos nossos Generaes ? Esperou-se a necessaria approvação do Governo ? Estipulárao-se artigos compatíveis com os nossos interesses ? . . Famosa Capitulação de *Cintra*, (2) tu serás sempre o vituperio das armas Inglezas, e a prova mais incontestavel da perfidia daquella Nação ingrata ! . . Lá vai hum guarnição para Almeida, outra para Elvas, outra para o Porto: tudo se lhes entrega, armas, artilheria, viveres, arsenaes, e o resto da nossa antiga marinha : até para remate de seu descaramento, ousão arvorar sua Bandeira, onde só deviaõ tremular as QUINAS Portuguezas !

À vista de tudo isto, que não são fabulas sonhadas, mas factos observados por hum Nação inteira, ainda haverá Portuguez tão cego, que não alcance as vistas sinistras da Inglaterra, sua má fé, e o genero de auxilio, que sempre nos tem prestado aquella Nação altiva ? Ainda lhe chamaremos Alliada ? Ainda poderemos contar com seu soccorro nos criticos lances da nossa Patria ? . . Que baixezas ! Que roubos
tão

(1) Todo este procedimento dos Inglezes encaminhava-se a excluir das acções futuras as Tropas Portuguezas, para que lhe chamássemos nossos *Restauradores*; e logo, por huma corrupção de vocabulo, nossos *Conquistadores*.

(2) Não nos consta que o Governo Inglez desse ainda a mais leve satisfação pelo escandaloso, e detestavel procedimento de seus Generaes na Campanha de Portugal. Ora sendo certo que *Qui tacet, consentire videtur*, julguem os meus Leitores, se sou encarecido no que tenho escripto, tocante ao Governo Inglez. Quando os seus Generaes mandáraõ arvorar a Bandeira Ingleza no Castello de S. Jorge, e outros sítios, o Povo de Lisboa murmurou, queixou-se, e a Bandeira foi arriada, dizendo-se que hum descuido a fizera içar. Que descuido em homens, que se jactaõ de expertos ? *Risum teneatis amici ?*

taõ mal coonestados ! Já o Exercito do *Duque d'Abrantes* não pisa o territorio Portuguez : já se não pôde pretextar , que Portugal he hum Paiz de conquista , sujeito ao Governo do Imperador , e Rei. Qual he pois a nova especie de justiça , com que se detem nos Portos da Inglaterra huma multidão de navios Portuguezes ? Os Commercialles de Lisboa , e do Porto reclamaõ suas fazendas embargadas , e entregues á disposiçaõ de corruptos Commissarios ; fazem as mais justas representações ao Ministerio Britanico , e os navios apodrecem ancorados ; as fazendas , humas se damnificão , outras saõ roubadas , e nenhuma remettidas a seus donos. Ó Póvos civilizados , qual de vós se tem manchado por huma serie de crimes taõ ultrajantes ? (1)

Tal he , ó Portuguezes , em resumido quadro a conducta da Inglaterra para com os seus Alliados. He a esta nossa *Amiga* que devemos o restabelecimento daquelle cobarde , e inepto Governo , que , fraco em sua origem , offendeo depois altamente a Naçaõ inteira , roubando metade do soldo aos defensores da Patria , e decretando com escandalo universal a extincçaõ de muita Tropa , que se tinha organizado : daquelle Governo , composto de Fidalgos que aprenderaõ a politica entre os divertimentos do jogo , e da caça : daquelle Governo , que sempre dormio sobre os assumptos mais sagrados da Causa pública : daquelle Governo , que dividio em Companhias os nossos Regimentos , e formou Batalhoens com Soldados de cinco , ou seis uniformes , tirando assim á Tropa aquelle pondenor , e brio , com que trabalha por sustentar a gloria do seu Corpo : daquelle Governo , que , vendo nossas Fronteiras do Norte ameaçadas por hum Exercito taõ valoroso , quanto disciplinado , confiou a defe-

(1) Os Inglezes bem conheciaõ , que os Vassallos Portuguezes não eraõ culpados pela entrada do Exercito Francez em Portugal. Logo não tinhaõ direito a reter os nossos navios. E se isto he verdade pelo tempo , que o *Duque d'Abrantes* occupou Lisboa , que será depois que aquelle General passou á França ? Porque se não permite a volta dos navios Portuguezes ? Onde está o direito , que os faz demorar , a despeito das mais vivas representações ? . . Considere-se bem , e achasse-ha que só no barbaro Codigo dos Argelinos.

sa da Provincia a paisanos desarmados : daquelle Governo em fim , qua nunca se occupou em manter a independencia da Nação , e que taõ graves crimes perpetrou , que mereceo o odio , e a execração de todos os Portuguezes. Ah! Eu sou testemunha das lagrimas , que vertestes , quando em Setembro proximo passado se vos disse , que a Regencia fora restaurada pelo orgulhoso despotismo dos Inglezes : sim ; vós já profetizaveis a ruina da Patria , logo que ella fosse administrada por Fidalgos Portuguezes. (1) Assim aconteceo : os Inglezes se haviaõ proposto subjugar-nos á força descoberta ; e sentindo que suas armas eraõ insufficientes para o desejado exito da empreza , lançaõ maõ d'outros meios : o principal consistia em estabelecer hum Governo de estupidos , sem energia , sem talentos , e sem patriotismo ; em huma palavra , huma collecção de automatos , que executassem mechanicos movimentos á vontade das impressoens Inglezas. Este meio foi posto em obra com escandalo de todos os sensatos Portuguezes. Facil era de prevêr os tristes resultados ; a agricultura , a industria , as artes , e o genio da Nação continuariaõ a amortecer sem o seu estimulo natural , que he a protecção do Governo ; e os Inglezes , fingindo-se ainda nossos Alliados , acabariaõ de esbulhar-nos o pouco ouro , que nos restava. Graças á Providencia do Senhor , que se dignou libertar-nos de taõ vergonhosa escravidão , fazendo entrar em nosso Territorio o Ex.^{mo} Marechal do Imperio , *Duque de Dalmacia*. Que digo ? Pois não somos ainda escravos ? Se sacudimos hum jugo , não nos

(1) Os Fidalgos são homens como os outros : mas de ordinario quando a sua nobreza tem origem de hum tronco annoso , os fructos , que produzem , são peccos , e mal sasonados. A nobreza he hum premio : o premio suppoem talentos , e serviços. Ora he huma verdade incontravel , que a necessidade (le besoin) he o principio activo , que desenvolve os nossos talentos : e como os Fidalgos experimentem mui poucas necessidades , he por isso que os seus talentos costumão ser de huma esfera muito ordinaria. Os Grandes da Regenerada França não estão neste caso , porque todos devem seus titulos , e sua grandeza a seus serviços relevantes. Graças ás luzes do Imperador Philosopho !

nos grava ainda outro por ventura mais pezado? Recupera-se a perdida liberdade, quando se passa de hum Senhor para outro? He aqui, ó Portuguezes, que deve concentrar-se toda a vossa attençaõ. Lançai os olhos sobre a situaçaõ actual da nossa Patria, e descobrireis talvez os dados, que podem resolver o Problema da nossa felicidade.

A immensa distancia, em que vive o PRINCEPE do Brazil, tornaria inuteis as suas providencias, quando a felicidade de seus antigos Póvos lhe merecesse ainda alguma contemplaçaõ. Nós não podemos querer ser governados á maneira de Colonias, onde hum Vice-Rei he sempre hum tyranno; os recursos á Metropoli tardios, e despendiosos; a justiça mal administrada; o Commercio precario, e as letras, e as artes pouco protegidas, para manter os Colonos na dependencia. Não; o PRINCEPE do Brazil nasceo em Lisboa: e as Leis, que lhe punhaõ nas maõs o Sceptro Portuguez, tiráraõ-lho, logo que S. A. se retirou do nosso seio. Hum Rei he o Pai de seus póvos; e hum Pai não abandona seus filhos, quando estes mais necessitaõ do seu amparo. Pois que? Nós Vassallos derramaremos o sangue pela vida do PRINCEPE; e o PRINCEPE ha de deixar-nos desvalidos orphaõs, quando mais que nunca precisavamos da sua protecçaõ? Não he isto o que jurou: não he isto o que deve hum Soberano a seus Vassallos.

Mas dirá talvez alguem, que a sua presença não nos tornava mais felizes; e que sentindo-se ameaçado pelo Exército do *Duque d'Abrantes*, era dictame da prudencia subtrahir-se ao perigo. Eu respondo 1.^o que sua presença nos era necessaria para nos livrar de muitas vexações, que a sua fugida nos attrahio. 2.^o que nunca me pude capacitar de tal perigo. Que? o Rei da Prussia, e o Imperio d'Austria, que attrahiraõ sobre seus Estados as armas Francezas, foraõ conservados por Sua Magestade o Imperador, e Rei; e o PRINCEPE do Brazil, que recebia como Alliadas as Tropas daquelle mesmo Soberano, seria derribado do seu Throno? Que outra cousa pertendia o Imperador do Gabinete de Lisboa, que não fosse a expulsaõ dos Inglezes? Seu plano era bem conhecido: logo, se S. A. não acreditasse os discursos de

de Ministros corrompidos, que podia temer? Desenganemo-nos, Portuguezes; havia annos, que no Parlamento de Inglaterra fôra assentado = mover o PRINCIPE REGENTE a transportar-se a seus Estados do Brazil, para estabelecer a nova Capital no Rio de Janeiro; e que quando S. A. se recusasse a esta proposição, devia o Governo Inglez mandar ás Costas do Brazil huma grande expedição, que atacasse em differentes pontos os Dominios ultramarinos do seu Alliado. = (1) Que homens! . . . Que lealdade! . . .

Mas prescindamos de raciocinios, para nos limitarmos aos factos, de que ninguem duvida. S. A. sahio deste Reino nos fins de Novembro de 1807: desde então para cá tem decorrido quasi desesete mezes. Logo que chegou á sua nova Côrte, devia lembrar-se de seus Vassallos; devia, quando mais não fizesse, enviar ás Costas de Portugal huma Náo, e duas Fragatas, para conduzir aquellas familias, a quem não agradasse (como a elle) permanecer no Reino. E enviou elle, nem ao menos, hum Brigue, que nos trouxesse novas da sua Pessoa? Todos sabem que não. No mez de Agosto de 1808 partio da barra do Porto hum Navio com direcção ao Rio de Janeiro, para noticiar a S. A. os successos daquelle tempo: mandava-se-lhe dizer que seus Vassallos estavaõ expondo as vidas por lhe restaurar o Throno; que se tinhaõ pedido soccorros á Inglaterra, e que S. A. não devia esquecer-se de hum Povo, que o amava: consequentemente que nos mandasse quanto antes dinheiro, e viveres, porque de tudo careciamos para o exito da empresa, em que S. A. era o mais interessado. Não se passáraõ todas estas cousas, Portuguezes? E que resposta vos foi dada? Vistes acaso entrar algum Comboy em nossos Portos? Que digo? Vistes hum só Navio, que nos trouxesse noticias do Rio de Janeiro? Todavia he constante, que ricas Frotas navegavaõ do Brazil para Inglaterra, levando ali

a

(1) Quem quizer capacitar-se da verdade da minha asserção, lêa hum Discurso do celebre *Pit*, que se traduzio em Lisboa, e corre em a nossa linguagem. Pelo não ter agota á mão, he que não declaro por inteiro o Titulo desta tão extraordinaria, como revoltante Dissertação.

a riqueza ; e a abundancia ; e passando defronte de nossas Costas , sem deitar em terra hum saça de arrôz , ou caixa de assucar. Oh ! desamor ! Oh ! ingratitude de hum PRINCEPE !

Daqui he licito concluir , que S. A. renunciou espontaneamente o direito á Corôa de Portugal. Existe logo em vacatura o Throno Portuguez , porque a Regencia , que erigira o PRINCEPE antes de partir , he Governo fantastico , illegal , e nullo. As Leis fundamentaes da nossa Monarchia não permittem , que o Rei traspassse a Corôa a sujeitos da sua amisade. Se o PRINCEPE legitimo existe , governe Elle ; se não existe , a Corôa cahe de rovo na mão dos Póvos , que sós a podem dar a Varoens prestantes. Em toda a parte a Soberania não he patrimonio particular dos Principes ; mas hum depozito sagrado , que se lhes confiou , para promoverem a felicidade pública. He logo nullo por sua natureza o Governo da Regencia. Estamos por consequencia nas circumstancias de eleger hum Chefe , que nos governe. Oh ! e com que pressurosa anxiedade devemos occupar-nos no complemento desta grande Obra !

Portugal precipitou-se nos abysmos da Anarchia. Trazei á memoria o que vistes , e ouvistes nos dias , que precederaõ a chegada do Ex.^{mo} *Duque de Dalmacia*. Quem assassinou o General *Bernardim Freire* ? (1) Quem assassinou os seus Ajudantes ? Quem tirou a vida a hum Capitão da Legião Lusitana ? (2) Quem arrastou pelas praças publicas os cadaveres ensanguentados de *João da Cunha*, e *Luis de Oliveira* ? (3) Quem fu-

(1) O General *Bernardim* foi fusilado em Braga pela população , por conhecer que não podia resistir ao Exercito Imperial ; e os seus Ajudantes tiveram a mesma sorte , só porque erão seus Ajudantes.

(2) Este Capitão hia no serviço Público com cartas do Bispo. Seu crime foi ter bigode , porque muitos Francezes também o tem : e a prova mais decisiva da sua traição , consistio nas cartas que levava ; porque naquelle tempo quem fosse apanhado com hum carta no bolso , era *Jacobino*, *traidor*, &c.

(3) *João da Cunha* foi assassinado por hum bando de malvados , sendo Commandante das Baterias do SENHOR DO BOMFIM. Matarão-no , por não dar aos Paizanos quanta polvora lhe pediaõ , á occasião de hum rebate falso , que elle conhecia. Qual fosse o crime de *Luis*

fusilou 'doze desgraçados , que se achavaõ na cadêa desta Cidade? (1) Quem arrombou as portas daquella prisão, soltando todos os facinorosos, que alli estavaõ? (2) Quem massacrrou o Desembargador *Leal*? Quem se atreveo a atacar as portas do Aljube, para assassinar o respeitavel Magistrado, *Chancellor* da Relação, o *Abbate* de *Lobrigos*, e suas *Irmans*? (3) Oh! Ceos! Quem traspassou com duas balas o honrado Brigadeiro, *Antonio de Lima Barreto*? (4) Para que forcejo eu em recordar o numero de vossos crimes? He elle calculavel, Portuguezes? Vós naõ conheciis authoridade, que vos governasse; o vosso proprio Bispo, aquelle venerando Pastor, que vos tinha conduzido com tanta brandura, foi desacatado em seu Paço, e nas ruas publicas. A voz dos Sacerdotes, que outr'ora escutaveis com reverencia, já vos naõ to-

de Oliveira ainda ignoro: os Ministros, que o sentenciáraõ, poderão dizê-lo. Mas por grandes que tivessem sido suas culpas, naõ competia ao povo assassiná-lo; e muito menos arrastar seu cadaver até á praya de Villa Nova, donde o lançaõ ao Douro, depois das mais inauditas barbaridades sobre o seu corpo.

(1) Estes miseraveis foraõ espingardeados ás portas da Cadêa, sòmente por se dizer que eraõ *Jacobinos*: seus cadaveres tiveraõ a mesma sepultura, que os dous primeiros.

(2) Naõ se pôde encarecer o extremo de insubordinação, e de anarchia, a que chegou o povo, depois de dizer-se que ousou franquear as portas das Cadêas da Relação a todos os Ladroens, Salteadores, e Assassinos, que alli se achavaõ. Que delirio! . . . Todo o homem de bem tremia dentro de sua casa, temendo que hum malvado gritasse á porta = morra, que he *Jacobino*. =

(3) O *Chancellor*, e o *Abbate* de *Lobrigos* foraõ salvos milagrosamente pela Guarda da Policia, e pelo tocante discurso do P. M. Fr. *Ignacio*, Religioso de S. Francisco. He escusado perguntar-se que crimes tinhaõ: o primeiro era *Jacobino*, porque, e só porque o povo queria que elle o fosse: o segundo, porque se queria embarcar para o Brazil. Talvez que os seus accusadores pensassem, que o Rio de Janeiro fica mais perto de França, do que *Lobrigos*.

(4) O Brigadeiro *Antonio de Lima* esteve dirigindo o fogo das Baterias até o tempo, em que avistou algumas já tomadas pelo Exercito Francez. Entaõ conhecendo que seria baldado, e mui perigoso todo o estorço, que se continuasse a fazer, clamou = Senhores, engravem essas peças, e retirem-se, que estamos perdidos =! A resposta foraõ dous tiros, que o prostráraõ morto.

tocava os corações. Vós calcastes aos pés as Leis da humanidade, e chegastes a commetter delictos tão nefandos, que os proprios salvagens não commetterião. E ereis homens? E ereis Christãos? Tantos males costuma produzir a monstruosa Anarchia! Agora contemplai as nossas relações externas, quero dizer, as que nos ligão ao Poderoso Imperio do Regulador da Europa. Elle enviou á nossa Patria hum Exercito aguerrido, ás ordens do maior de seus Capitaens, e he Sua Vontade dar-nos hum Soberano, que haja de alçar-nos da balheza de Nação escrava, áquella dignidade, que nos caracterizou nos seculos passados. O Imperador, e Rei quer ter commosco relações directas de amizade, e de reciprocos auxilios. Nossa posição Geográfica, que nos faz ser huma Nação do Continente, mostra que he dos nossos mais importantes interesses fazermos causa commum com Sua Magestade Imperial, e Real. Quem não conhece esta verdade? Portugal, como Potencia da segunda ordem, hade ser influida por alguma Potencia da primeira: ora no actual systema politico do Globo, a preponderancia do Imperio Francez he tão clara como a luz do Sol. A França todos os dias se engrandece por suas conquistas; a Inglaterra todos os dias se debilita por suas expedições mal calculadas: as despesas, que tem feito a França, ganharão-lhe a confederação universal dos Principes da Europa; as enormes despesas da Inglaterra tem servido sómente de arruiná-la. A Inglaterra tira a sua subsistencia, e grandeza dos productos do commercio; a França, posto que também Nação commerciante, acha na fertilidade de seus campos, e nas relações immediatas com os de mais Estados da Europa, com que provêr superabundantemente ás suas necessidades. Fechados pois os Portos do nosso Continente ao commercio Inglez, he força que baquêe a sua soberba. Quem não vê logo que nos convem muito mais unirmo-nos á França, do que á Inglaterra? Imaginemo-nos em estado de Guerra com estas Nações: qual he a mais temivel? alguns canhoens assestados em poucos pontos da costa de Portugal são sobejos para defender-nos de toda a tentativa da parte dos Inglezes: elles só nos dempo invadir por mar; mas os cachopos, de que são crespas

as nossas praias , e o nosso valor não nos deixaõ ter susto áquelle respeito. Pelo contrario , do lado da França temos 150 legoas de Fronteira , por onde nos podem atacar as Tropas do Imperador , e Rei : e quem lhes resistirá ? Poderemos ainda confiar nas Montanhas , que bordaõ grande parte das nossas Provincias , depois que vimos o Ex.^{mo} Duque de Dalmacia penetrar a travéz das mais alcantiladas serras de Traz-os-Montes com Artilheria grossa , Cavallaria , e todo o trem de hum Exercito numeroso , e bem abastecido ? Não diziamos , que attentos os desfiladeiros da Provincia , bastavaõ os paisanos para defende-la ? E com tudo os paisanos , huns fugirão , outros morrerão aos golpes do vencedor. Não diziamos que nossa Cidade , defendida por 200 peças de bom calibre , e hum numero incalculavel de gente armada , resistiria a todos os ataques ? E que vistes , Portuguezes ? Não foraõ rotas todas as Trincheiras no curto espaço de algumas horas ? Pôde alguem fazer rosto á brava furia das Tropas Imperiaes ? Mas para que me canço em provar huma verdade , que a nossa triste experiencia apresenta aos olhos !

Agora devo pedir-vos a soluçaõ deste grande Problema : — Qual he melhor , buscarmos a paz , a segurança de nossas pessoas , e propriedades na sujeiçaõ aos Decretos do Imperador dos Francezes ; ou continuar-mos na imprudente luta , que nos expõem a perder a liberdade , a fazenda , os amigos , e a propria vida ? — Todo o homem perspicaz não fará esforços de cabeça para achar a pedida soluçaõ : os idiõtas poderãõ determinar-se , pelo que vou dizer-lhes.

Nas circumstancias , em que nos vemos , dous partidos oppostos se offerecem á nossa escolha ; a Paz , e a Guerra. Não nos he permittido hum systema neutral ; ou havemos de annuir ás pacificas proposiçoens do Imperador , e Rei , ou preparar-nos para combater indefinitivamente com suas Tropas formidaveis. Os males da Guerra sãõ os que vós sabeis ; o sangue , os assassinios , o saque violento , o sacrilegio , o estupro , o adulterio , a fome , o incendio , a indigencia , e a miseria. Oh ! Quem não treme ao imaginar sómente a pavorosa scena do infausto dia 29 de Março ? Qual de vós

vós não vio ou as praias , ou as ruas ; ou as praças públicas , ou seus proprios lares juncados dos cadaveres de seus amigos , e parentes ! Qual não vio o esposo , e a esposa , a mãe , e os tenros filhos , formando rimas de corpos esmagados ? Taes são as calamidades , a que vos atrastou a vossa Inconsideração . E se o exemplo do passado vos não fizer mais sabios , haverá quem possa salvar-vos dos mesmos infortunios ? Oh ! desgraçada Patria minha , em que solidão de lucto ! Em que vasto deserto , e montões de ruinas te não converterias !

Sopponhamos ; Portuguezes , (porque todas as hypotheses convem que analysemos) supponhamos que o Imperador , e Rei não tinha forças sufficientes , para subjugar , e guarnecer todos os pontos de importancia destes Reinos . Conseguiríamos nós por isso maior tranquillidade ? Não , certamente ; porque huma forte columna , insufficiente para a conquista de todo o Reino , seria sobeja para devastar as nossas Cidades , e Provincias . Quem ataca , emprega a sua força onde quer , ou onde lhe convém ; quem se defende he obrigado a dividi-la , e por consequencia a enfraquecer-se , porque não sabe onde , e quando será invadido . He logo evidente , que na nossa hypothese , se applicaria o Imperador e Rei a fazer-nos huma guerra ainda mais cruel , e ruinosa . Sim , disistindo então S. Magestade do projecto de conquista , enviaria algumas Divisoens ao nosso Reino , no qual os incendios , as mortes , e o saque geral seriaõ o castigo de nossa insensata rebeldia . Então qual de nós desejaria sobreviver a seus Concidadãos ? Sem amigos , sem campos , sem propriedades , ah ! Condenados a huma existencia mais cruel do que a morte , quem acharia encantos na miseravel vida !

Tal he , ó Portuguezes , o lugubre fucturo , que nos espera , a não nos decidir-mos pelos dictames da prudencia , isto he , dos nossos bem calculados interesses . Pendê da nossa eleição o nosso destino . A paz he o maior bem , que os Ceos nos podem conceder sobre a terra : a paz traz a abundancia , a alegria , e os prazeres mais deleitosos . Sem paz não ha commercio ; os campos são talados ; as artes não florecem ;

vem a fome , a peste , e por fim a morte. Ah ! he tempo , he tempo , ó meus compatriotas ! Ponhamos termo ás desgraças , que nos assolaõ. Tratemõs , sem demora , de assoalhar os fervorosos , e sinceros votos do nosso coração. Falta-nos hum Pai amigo , que queira remediar a orfandade de tantos filhos , de tantos miseros escravos , atéqui zombaria de huma Nação perjura , e expostos as violentas explosões de Anarquia. E haremos longe , ó Portuguezes , para acharmos este Pai tão necessario , e suspirado ? Fallai por mim , virtudes soberanas , que constituis o Augusto character do *Duque de Dalmacia*. . . Não he , não he o que exprimo venal-
so , queimado em obsequio daquelle grande homem. na obscuridade , e não cubiço luzir nos postos brilhantes da Republica. Mas o bem dos meus concidadaõs me inspira quando digo ; e se meus raciocinios tiverem a força de persuadi-los , pagar-me-hei da gloria de haver cooperado para a sua ventura.

Sim , amados Concidadaõs , a Benigna Providencia do Senhor nos depara o mais justo , e sabio PRINCIPE , que podiamos desejar. Os homens chegaõ á Soberania por caminhos differentes ; huns saõ ali levados pelo sangue , outros pela intriga , outros em fim pelas virtudes. Mas a intriga não respeita o merecimento : o sangue he hum mimo da fortuna , e quanto mais velho , menos inercia tem. As virtudes , as virtudes , e os talentos foraõ , e seraõ sempre , no Tribunal da razão , os verdadeiros titulos da Soberania. Homens maquinas não servem para Reis : os Povos querem para Chefes , Genios sublimes , e bem fazejos ; querem varoens consumados na divina arte , que se diz Politica ; querem em fim Heroes , que , sustentando em huma maõ igual a balança de Astrea , empunhem na outra a espada de Marte. Taes devem ser os Reis ; tal he , por nossa felicidade , o Ex.^{mo} *Duque de Dalmacia*. Não he Elle meramente hum famoso Capitão ; he hum profundo Politico , he hum Philosopho consummado , he (o que vale ainda mais) hum homem de entranhas compassivas , e piedosas. Quem o ouve , quem lhe falla , quem lhe dirige suas supplicas , volta captivo , e pe-nhorado da bondade de seu Coração.

Por-

Portuguezes ; não sejaes por mais tempo escravos de funestas prevenções : olhai por vossos interesses , que são inseparaveis de huma paz estavel ; consultai os homens judiciosos , e todos vos dirão quaes são as virtudes do Ex.^{mo} *Duque de Dalmacia* , e todos vos dirão o que convem que obremos nas presentes circumstancias. Ah ! manifestemos o que sentem por Elle nossos corações ! Demo-nos pressa em o acclamar Nosso Soberano ! Roguemos a S. Magestade o Imperador , e Rei , que se digne privar-se do seu maior General , para ser o nosso Protector , e o nosso Augusto Monarcha ! porque só assim findarão os flagellos da guerra , que nos assolla ; só assim tornaremos a ser huma Nação Soberana , e respeitavel ; só assim finalmente conseguiremos os bens , que vos deseja hum vosso Concidadão honrado , e esclarecido. Taes são meus ardentes votos , que a Nação deve exprimir por estas palavras : Viva o Senhor *Duque de Dalmacia* , Rei de Portugal ! Viva , e Reine para sempre em nossos corações.

F I M.

2111

